

Homossexuais e Ética Cristã

BERNARDINO LEERS, OFM

O povo de Deus vive num espaço em que, como os pássaros Tuiuius, belíssimos e elegantes, voam palavras grandiosas de amor, justiça, paz, perdão, esperança e tantas outras. Com dois pés no chão, porém, os fatos de discriminação, intolerância e exclusão surgem e confirmam-se por todos os lados.

Mal escondida em baixo do pano do silêncio, a discriminação dos homossexuais continua a contaminar e impedir a convivência fraterna na Igreja e na sociedade. Problemas de discriminação, a história eclesiástica os conhece desde a carta de São Tiago e o primeiro Concílio de Jerusalém. Hoje em dia, o processo de libertação pessoal e social dos homossexuais chama a atenção. De um lado, em várias formas, os homossexuais se reúnem e fazem suas manifestações em praça pública, doutro, estão sendo ligados à divulgação de AIDS e escândalos de padres e religiosos por abusos sexuais. A opinião pública tende a confundir tudo, apesar da ausência total de verificações científicas. Pela convocação das autoridades eclesiásticas norte-americanas em Roma, a vaga nuvem de suspeitos se levantou, que atinge também os homossexuais, incluindo-os num círculo de tolerância-zero.

Esconder em baixo da mesa fatos humanos importantes em número e espécie é uma tática de camuflagem que, de um lado, arrisca que as feridas

da sociedade apodreçam, e, doutro, que as vítimas encontrem ainda maiores resistências à sua libertação. Pela ampla divulgação pelos meios populares de comunicação e o próprio processo da emancipação dos homossexuais, revoltando-se contra sua marginalização e perseguição, não é mais possível deixar cada pessoa, cada autoridade posicionar-se à sua maneira. Sinais dos tempos se reuniram para pôr em prática a palavra de Jesus, de não colocar a lâmpada em baixo de um caixote, mas acima do candelabro para o Povo de Deus participar o mais possível do diálogo aberto e convergir para uma nova atitude aberta para com as pessoas, caracteristicamente homossexuais, a fim de que possam se integrar harmonicamente nas comunidades cristãs e na sociedade civil.

Atualmente, seguindo o exemplo de outros países, o Estado começou a entrar na área. Pelo congresso, uma lei de união civil entre pessoas do mesmo sexo está tramitando e provavelmente passará. A lei que equipara as expressões de afeto e amor entre pessoas do mesmo sexo e de pessoas de sexo diferente, tanto no setor privado, quanto público, no Estado de Minas Gerais, passou. Para com este tipo de proteção legal, porém, convém lembrar a declaração oficial de igualdade de remuneração entre homens e mulheres no mesmo ofício. Mas pesquisas compa-

rativas ainda falam outra língua. Por lei, ninguém pode chamar um afro-brasileiro de preto, mas a prática popular não está extinta. Leis são reguladoras, orientadoras da conduta, mas os resultados demoram a se confirmar, especialmente se tradições de longa data entram em jogo.

Com a terminologia atual de homossexual, repete-se algo semelhante à palavra homem, que indica em sua ambigüidade tanto o gênero masculino, quanto os dois gêneros de seres humanos masculinos e seres humanos femininos. De invenção recente para indicar o reconhecimento de uma identidade específica nova e minoritária da humanidade, refere-se à pessoas humanas em sua presença global, mas também somente às pessoas masculinas, chamando então as mulheres de lesbianas ou lésbicas que tem sua origem num mito da Grécia antiga. Neste estudo, o termo homossexual focaliza principalmente a representação masculina. Na cultura latina, as mulheres parecem ter maior liberdade em suas manifestações afetivas entre si do que os filhos de Adão e sofrem menos crítica ou discriminação. Pelas suas publicações, as mulheres mostram que não precisam de palavra de um homem (masculino) para analisar a identidade, relacionamentos e qualidades de lesbianas. Entre elas há um número crescente de graduadas em ética filosófica e teológica, para aprofundar a temática, cujos dados as ciências humanas empíricas internacionais fornecem em abundância. Semelhanças não faltam, mas as distâncias em percepção, compreensão, continuam.

1. O ponto de saída

O termo "homossexual" não é feliz, porque concentra a atenção ao sexo, por causa da discriminação ligado à promiscuidade e todos os pecados mortais que a tradição ética cristã conhece. Também o americanismo "gays" não soa bem, porque a alegria não é exatamente a marca registrada de pessoas, condenadas na opinião pública à clandestinidade e à angústia fechada de quem se sente como fosse um não-homem, um ser inferior ("untermensch"). No entanto, tentativas de introduzir termos melhores não chegaram a decolar e se integrar na linguagem popular. Nem homofilia que propõe amor, amizade, gostar de outro homem igual, nem homotropia, emprestado do mundo botânico, foram capazes de ganhar cidadania. O jeito, então, é ficar com um termo que não é apenas híbrido, mas deixa a pessoa humana em sua singularidade escondida atrás de uma qualidade energética parcial, comum a todos os seres humanos. A sexualidade, tal como se apresenta, é o material que a pessoa há de assumir e integrar pela responsabilidade do seu agir na personalidade que vai formando em si mesma e em relação com os outros. De qualquer maneira, só se pode remar com os remos à disposição.

Os centros produtivos não são o sexo, a sexualidade, o sexualismo, todos abstrações, mas as pessoas vivas na condição de peregrinos terrestres. Ato sexuais não existem senão em pessoas que agem, condicionadas em sua conduta responsável pelo contrato do grupo, da sua sexualidade humana e cultura de que fazem parte com seus talentos e limitações. Cultura e socie-

dade de pertença criam e mantêm papéis sociais para cada um em seu lugar e status, e formam expectativas para com a conduta que vivem nestes sistemas, visto que, todas as pessoas são sexuadas, também a sexualidade funciona dentro deste esquema personalista, seja de homem, seja de mulher, seja hetero, seja homo. Se a percepção tradicional somente conhecia dois gêneros aparentemente uniformes, ou a modernidade descobriu uma porcentagem pequena de homossexuais e lesbianas, não muda o quadro global. Direitos e deveres, valores e desvalores estão fundamentalmente ancorados nas pessoas humanas, pois elas são os verdadeiros agentes morais. Homo ou hetero vem em segundo lugar, um lugar dependente.

Na reflexão moral tradicional o costume é começar com uma definição essencialista do objeto de que a norma, seja obrigação, seja proibição, é determinada. As regras de conduta ética, codificadas desde Hamurabi e Moisés até hoje pela Igreja, não são a peça principal da história humana. Quem de fato produzem valores morais ou os destroem, são as pessoas humanas conforme o símbolo antigo da árvore da experiência do bem e do mal no paraíso. Estas pessoas humanas, homens e mulheres, não são fórmulas abstratas, mas vivas, cada uma com seu nome, história, condição humana e contexto próprio. São as pessoas concretas, os agentes morais que constroem o mundo terrestre.

Já muito cedo em sua vida, as pessoas humanas descobrem que não são ilhas isoladas. Dependem de outros, convivem com outros, são condiciona-

das em seu agir e reagir por outros. Igualmente dependem do ar para respirar, dos frutos da terra para se alimentar, da água para beber, do ambiente rural ou urbano em que circulam. Agentes morais são sempre seres humanos que vivem dentro de um sistema de relações humanas. A pessoa humana é sempre pessoa em contexto, social, cultural e ecológico.

Aos poucos, a pessoa se conscientiza de ser pessoa sexuada, homem ou mulher. No entanto, a diferenciação entre as pessoas que pisam na mesma terra e moram no mesmo ambiente não é apenas entre estes dois gêneros. Enquanto a heterossexualidade domina o quadro social, há também uma porcentagem limitada de pessoas homossexuais, cuja inclinação, imaginação, sentimentos e desejos estão orientados para pessoas do próprio gênero.

Aqui o problema moral começa. Na descoberta de sua homotropia, o homossexual encontra em sua convivência estranheza, ridicularização, rejeição, perseguição e marginalização, obstáculos sérios à sua natural libertação. Na cultura ocidental, chamada cristã, há uma forte resistência social à aceitação dos homossexuais, condenados a esconderem sua identidade e vivem na clandestinidade.

2. Mediações das ciências humanas

O impressionismo quase jornalístico fornece o primeiro material à reflexão ética, funcionando uma imagem do "ethos" popular em que os heterossexuais dominam a sociedade e suas regras e expectativas sociais. Pelas muitas pesquisas e estudos empíricos da psicologia, sociologia, antropologia

cultural, biologia e até genética, esta imagem global se deixa aprofundar e especificar melhor. Desta maneira os homossexuais (e também os heterossexuais) não se perdem na massa vaga de um conceito essencialista, mas ganham traços individuais e se manifestam em suas condições e propriedades pessoais. Afinal de contas, nem os pais, nem Deus, nem casais humanos criam categorias ou gêneros; criam pessoas individuais sempre diferentes, com rostos e talentos próprios. Os seis bilhões de seres humanos que povoam atualmente a mãe-terra não são cópias-xerox ou robôs, mas cada indivíduo é diferente, comunicando-se com outros, e segue seu caminho, acompanhado por muitos, eventualmente atrapalhado. Que os homossexuais no ocidente falem!

Por que se trata de um tabu tradicional, cercado de preconceitos e proibições? A história da cultura e da ética se tornam uma fonte importante de compreensão. O estudo da história tem seus próprios riscos. Facilmente idéias, atitudes e interpretações de hoje são projetadas para trás, sem que as diferenças axiológicas sejam percebidas. Além disso, especial sensibilidade precisa entrar para os comportamentos do passado serem entendidos em seus próprios contextos culturais da época. Sem olhar normas morais em suas origens, sua motivação inicial e a variedade de suas interpretações históricas, estas normas ganham a característica errada de "sempre foi assim".

No passado da teologia moral cristã, a terminologia usada era de atos sexuais entre pessoas do mesmo sexo

que eram contra a natureza humana. O contexto da reflexão era a procriação e o casal, pois o homem era para a mulher e a mulher para o homem.

3. Pinceladas históricas

O termo homossexual é moderno, da segunda parte do século XIX. Foi criado por um médico húngaro na Inglaterra, que juntou a palavra grega "homos" (igual) e a palavra latina "sexus" (sexo). Em sua autobiografia, editada sob pseudônimo, ele se confessa uma exceção à regra, pois sua orientação afetiva sexual é completa e exclusivamente para homens só. A novidade está aqui quebrando o monopólio do "heterossexual", termo que, em resposta, foi divulgado no início do século passado. Aos poucos, a percepção foi se divulgando de que pequena percentagem de pessoas, tanto homens, quanto mulheres, são autênticos homossexuais. Na literatura científica também se fala de homofilia ou homotropia, a fim de evitar a concentração na sexualidade orgânica. A pessoa humana é mais importante do que a sexualidade que lhe pertence. Diante desta descoberta, reconhecida também pelo Magistério eclesial, a argumentação tradicional precisa ser criticamente analisada.

À reflexão ética teológica não só a origem e a história de normas interessam. Os muitos manuais da moral, escritos depois do Concílio Tridentino para a formação de confessores, já abrem o horizonte para os pecadores reais que procuram os confessionários, com suas experiências pessoais de pecado e culpa. Enquanto na perspectiva social a tolerância e até o silêncio

surgem diante de certas condutas contrárias ao código oficial, da parte das pessoas entra a vivência pessoal em todas as suas gradações das infidelidades, covardias e malícias para com Deus e os próximos, vítimas das iniquidades dos outros. Pois no confessional não é o código normativo que vem primeiro, mas o pecador que Deus quer reconciliar consigo pela mediação do seu ministro sacramental. Esta tarefa exige mais do que conhecimento teórico, sensibilidade e compreensão de o que, de fato, os pecadores fizeram em sua caminhada para Deus.

Para entender as consciências dos pecadores e suas responsabilidades no mal, não basta a compreensão global da condição humana dos filhos e filhas de Adão e Eva de Gn 3. Sendo uma ciência prática, sua reflexão há de “localizar” a experiência dos pecadores que Deus gosta tanto de passar em seu contexto de tempo e espaço vividos. Assim, na área brasileira, a atmosfera do pansexualismo, alimentado pela propaganda e meios populares de comunicação influencia a conduta factual dos cristãos, especialmente da juventude. Na perspectiva do passado, a abolição tardia da escravatura, sem restituição nenhuma, deixou seus vestígios. A herança ficou de moleques abusados pelas “brincadeiras” dos meninos brancos da senzala, mas principalmente as mulheres escravas ficaram marcadas pela descoberta dos proprietários de que o meio mais econômico de aumentar seu plantel de escravos era engravidar as escravas.

Na época colonial a zona boêmia podia começar atrás da igreja. Em contraste com esta tolerância, porém, o

rigorismo do neo-jansenismo francês, importado via Portugal e por santos missionários, foi criando uma esfera de medo, negativismo, severidade e pecadofobia com seus diabos e penas do inferno. Várias vezes, o Santo Ofício tem condenado teses deste sistema negativo e sombrio, no entanto, com pouco resultado, porque o estatuto em relação à sua autoridade na Igreja estava insuficientemente formado. Enquanto a libertinagem dos homens para com mulheres era mais ou menos tolerada e deixava pouco espaço para atos sexuais dentro do gênero, as moças e mulheres honradas eram cercadas de pecados mortais, pois na área do sexto e nono mandamento não havia nem há matéria venial.

Nos últimos decênios grande parcela da juventude feminina está se emancipando da dupla moral de que suas mães e avós foram vítimas. Atualmente lesbianas encontram maior tolerância e espaço público do que os homossexuais masculinos num país que se prima por assassinatos de homossexuais assumidos. Nestas condições, uma lei de união civil arrisca ser uma espada de dois gumes. De um lado, dá mais estabilidade e segurança às convivências deles, doutro, acirra a raiva do machismo.

4. Argumentos tradicionais

Na tradição moral cristã, o “comércio carnal” entre homens era chamado sodomia, referência direta à saga de destruição de Sodoma e Gomorra, contada em Gn 19). Muitas vezes citada na Bíblia e na literatura rabínica, a tragédia das duas cidades serviu de símbolo de todas as formas de

iniquidade e infidelidade humanas, na interpretação religiosa judaica castigadas por Javé com enxofre e fogo. Nunca, porém, o abuso que um grupo de homens de Sodoma queria fazer dos hóspedes que Ló, um estrangeiro, tinha recebido em sua casa, é mencionado, como se este caso de desrespeito da lei da hospitalidade fosse ligado à destruição. Naqueles tempos era costume humilhar ao extremo inimigos vencidos, abusando deles como se fossem mulheres, já por si uma "segunda categoria". A idéia era de que, na procriação, o homem fornecia ativamente a semente, o novo ser, enquanto a mulher era apenas passiva, a terra que faz brotar a semente. Somente na época moderna a ciência descobriu que a contribuição genética para a formação do novo ser era igual da parte do homem e da parte da mulher.

Apenas na época de Jesus, quando o helenismo penetra com seus costumes em Israel, o filósofo judaico Philo começa a ligar a destruição de Sodoma e Gomorra, causada provavelmente por uma calamidade cósmica, à ameaça de violência sexual dos dois hóspedes de Ló. Esta releitura lhe serviu para proteger a cultura moral religiosa de seu povo contra certos tipos de prostituição masculina, conhecida na Grécia pagã religiosa. Assim a palavra sodomia se formou e foi entrando na moral cristã também. A este fenômeno cultural São Paulo se refere com seus termos gregos que infelizmente são traduzidos ainda até hoje em várias traduções pelo termo "homossexual" moderno que não tem o sentido de prostituição, abuso e humilhação.

Em toda a história da Bíblia e da teologia moral cristã, um pressuposto implícito nesta matéria é que a natureza humana sexual está orientada universal e culturalmente ao outro gênero: homem é para mulher e vice versa. Desde um século e meio, no entanto, a consciência coletiva está se convencendo do fato que há uma certa percentagem de exceções. Pessoas há que desde cedo se sentem atraídas por representantes de seu próprio gênero. Sua maneira de se desenvolver, realizar e integrar na sociedade é inevitavelmente diferente e não se confunde pela sua alteridade a grande maioria, mas também enfrenta sérias resistências e marginalização preconceituosa na sociedade em que procura seu lugar justo. Infelizmente certas Igrejas evangélicas propagam a cura de homossexuais autênticos, mas para eles não há cura no sentido de se tornarem heteros. Aconselhar-lhes o casamento é causar o sofrimento e frustração dos dois.

5. Uma abertura bíblica e ética

Seria uma verdadeira utopia pensar que discriminações se deixam implodir, desmantelando os argumentos racionais de praxe. Discriminações não são simples fenômenos pessoais, resultado de encontros fracassados na vida particular. São fenômenos sociais diversos, cujas raízes se perdem na história, embutidos na intimidade de culturas que cada ser humano que entra no mundo vai absorvendo antes de chegar aos "anos da razão". Sejam contra mulheres, negros, judeus, pobres, operários, índios ou homossexuais, sempre a raiz está na incapacidade de grupos sociais aceitarem e respeitarem a

alteridade dos outros. As razões explicativas são construções posteriores que procuram camuflar em paz a capacidade sensível limitada de aceitar as diferenças de linguagem, maneiras de viver de outros povos, etnias ou grupos sociais. Por cima da estranheza e barreiras de entendimento, surgem a agressividade, o desprezo, o ódio que repercutem em perguntas históricas, se mulher, negro, índio tem alma ou se homossexual é pessoa normal. Em vez de aceitar, aproximar-se e compreender o outro, a discriminação o rebaixa, ignora os valores da pessoa que ele é e chega até a exterminar o outro. Que falem, mais uma vez, o holocausto e o sofrimento de excluídos aos milhões.

A pergunta veio direta e sem introdução: "Um homossexual pode ainda viver na Igreja católica"? E uma outra pergunta: "Por que não me deixam viver em liberdade, se Deus me criou assim"? Letras impressas são frias demais para comunicar e fazer sentir a insegurança, a angústia e a revolta que se esconderam nestas perguntas pessoais. No evangelho, Jesus se comunica a um povo faminto, com sede, angustiado nas tempestades da vida, sofrido sem médico, ferido sem samaritano na pista, pecador desprezado pelos fariseus. Em resposta, Jesus deu sua vida para abrir um horizonte de esperança, amor e justiça a este povo. Para sua Igreja, Povo de Deus, vale sua totalidade: como eu vos fiz, façam vocês também, tornando-se próximos verdadeiros uns dos outros.

5.1. A missão eclesial de reconciliar

Em sua formulação dogmática mui larga sobre o sacramento da penitên-

cia, o Concílio Tridentino (séc. XVI) cita o texto de Jo 20,22 "Recebei o Espírito Santo. Aqueles a quem perdoardes os pecados ser-lhes-ão perdoados". Certamente, a raiz da formação histórica do rito sacramental da reconciliação eclesial está aqui. Apesar do fato de que o Concílio entende por "peccata", pecadores de culpa grave subjetiva, deixando aberta a possibilidade de uma visão mais ampla do serviço do perdão, fica o risco de uma redução da missão reconciliadora dos cristãos ao espaço do confessionário na relação do penitente com o confessor. Tanto a longa série de manuais da teologia moral para a formação de confessores, quanto a mentalidade de tantos fiéis mostram que este risco de restringir o horizonte de nova vida, aberto pela morte e ressurreição do Senhor, não é fantasmagórico.

O texto conciliar e as discussões em redor dele não permitem reduzir a amplitude da missão reconciliadora que foi dada por Jesus, o Cristo, à sua Igreja, o Povo de Deus. No Novo Testamento, as mensagens de perdão e de reconciliar com seu irmão são frequentes da parte de Jesus. Seu modo de ir atrás de pecadores para que se convertam e sua facilidade de perdoar e "passar por cima" são claros. Ele não exige de seus discípulos a perdoar setenta vezes sete, sem Ele mesmo sempre estar pronto de realizar a reconciliação e a nova vida para qualquer pecador. Mateus fornece até uma escala de perdão em Mt 18,15-18. Com sinceridade pedir perdão a Deus e não recebê-lo é um verdadeiro contra-senso. Conforme a promessa de Jesus e a história de sua Igreja, sacramento da íntima união

com Deus e da unidade de todo gênero humano a alcançar (LG 1), o Espírito Santo e, por Ele, a missão de reconciliação com Deus e o mundo humano não são monopólio do clero, mas graça oferecida a todos os fiéis, até além das fronteiras da Igreja terrestre. Na expressão de São Paulo apóstolo, todos os discípulos de Cristo Jesus são templos do Espírito Santo que ilumina os agentes éticos responsáveis de dentro para fora no mundo.

Na convivência interna a irradiação evangélica pelo mundo ocidental, o Povo de Deus sofre e enfraquece pela epidemia da discriminação para com os homossexuais. O discurso sobre a unidade no Espírito e a celebração comunitária da Eucaristia não são capazes ainda de vencer a distância que se formou entre a alteridade homossexual e a alteridade heterossexual que domina a vida social fora e dentro da Igreja. Pois, não é a pluralidade na unidade, numa forma neutra que se manifesta, mas a distância vertical que condena os homossexuais à marginalidade, desprezo e clandestinidade. Porque o desafio ético está embutido na cultura tradicional e não se resolve simplesmente no nível de pessoa a pessoa. Como no racismo é possível ser amigo de um homem de outra raça e, assim mesmo, ser racista, também para com um homossexual alguém pode ter admiração e bom relacionamento, mas discriminar em geral os gays e acusá-los de espalhar AIDS.

5.2. A dupla conversão

Cristãos estão acostumados a ouvir a síntese da mensagem evangélica: *Convertei-vos e crede no Evangelho.*

A rotina orienta esta conversão a Deus, a Jesus. O céu é o trono de Deus. Mas o poder de seu amor e graça vitalizante se estende sobre o universo criado e concentra na celebração eucarística, para onde tudo converge e de onde tudo emana. Pelo convívio de Jesus, o Verbo encarnado, ficou mais evidente ainda a responsabilidade dos cristãos no mundo atual. A bênção de Javé à humanidade, que consta no primeiro mito da origem, já abriu a consciência dos fiéis de que são colaboradores que Deus assume e orienta para evoluir seu Reino. A vida e exemplo de seu Filho fortifica e estimula os peregrinos terrestres para unificar o que está separado e vencer as barreiras que as alteridades às vezes grandes, apresentam da parte dos outros, chamados na liturgia divina-humana irmãos e irmãs.

Na Antiga Aliança o primeiro e o segundo mandamento são iguais e reúnem no mesmo amor a praticar Deus, o próximo e a própria pessoa. Provação para o brio nacionalista dos ouvintes, a parábola do bom samaritano termina com a tranqüila orientação de Jesus: *Faças tu o mesmo.* São João sintetiza a missão dos discípulos de Jesus com o novo mandamento: *Amai-vos uns aos outros, que se torna pela práxis o termômetro do amor a Deus.* Onde a árvore da experiência do bem e do mal está plantada no centro das atividades humanas, a conversão faz parte integrante da caminhada do cristão terrestre que ouve a palavra amor, mas cujas práticas nem de longe ainda não chegaram à perfeição.

Neste contexto cristão, a solução ética da discriminação contra os homossexuais exige da parte dos agentes

morais um processo de conversão de mão dupla. Em visita – serviço à Isabel, Maria, mãe de Jesus, cantou entusiasmada a glória de Deus, que tira os poderosos de seus tronos e exalta os humildes; dá fartura aos pobres e deixa os ricos sem nada. Do lado dos homens, o movimento da conversão é duplo, de cima para baixo e de baixo para cima, também se o tema é discriminação de homossexuais ou homoafetivos. A grande maioria discriminadora dos heterossexuais que, em toda sua variedade, se acha a normalidade e mantém o monopólio da norma ética, há de descer deste trono imaginário e instalar sua vida no nível igual de todas as pessoas humanas e seus direitos fundamentais iguais. Doutra lado, a opressão é exclusão em que os homossexuais estão presos, com poucas exceções de deixar seu gueto, libertando-se por um processo organizado de emancipação social, ocupar seu justo lugar na construção de uma sociedade fraterna e enfrentar as resistências tradicionais contra sua presença e colaboração na edificação mútua de que fala o apóstolo São Paulo.

5.3. Pessoas humanas afetivas e sexuadas

Comum aos seres humanos, homens e mulheres, jovens, idosos, de qualquer cultura ou etnia, é o fato que todas são pessoas afetivas sexuadas. Isolada praticamente do corpo teológico da Idade Média, a teologia moral pós-tridentina, desenvolveu em sua elaboração os traços da negatividade, a especificação dos pecados, o medo do pecado, com sua seqüência de demônios e penas do inferno, mormente na literatura

devocional e catequética. Pela influência do neo-jansenismo entrou via o clero, uma onda de rigorismo e severidade moral. Embora os manuais de teologia moral não gastem muitas páginas com a exposição do sexto e nono mandamentos, a esfera global é de proibição, todos sob a condenação de pecados mortais objetivo. Até maus pensamentos e desejos eram pecados. Não a caridade, mas a castidade se tornou rainha das virtudes em certas publicações devotas. Regras para dirigir pessoas escrupulosas entraram nos tratados sobre a confissão ou impedimentos do ato humano. Só na época do Concílio Vaticano II, novo ar, mais humano, entrou na reflexão moral.

Proibições e tabus costumam provocar a curiosidade humana, tornar-se tentações especialmente no campo sexual e dar um forte estímulo à indústria pornográfica e ao consumo de seus produtos. Nem o rigorismo supressivo passado, nem a libertinagem sexual contemporânea mudaram este padrão humano. Na perspectiva ética, conseqüentemente, a pergunta não se evita: o que estes homos fazem com necessidades afetivas e sua sexualidade, e o que podem licitamente fazer? Dentro do quadro da discriminação tradicional, o céu da reflexão fica nublado de nuvens de promiscuidade, sujeira, transmissão de doenças, prostituição, escândalos, sensacionalismo. Para contrabalançar esta ânsia de codificar normas na fronteira do mal, é bom lembrar que, no passado boa parte da Igreja católica e de outras Igrejas cristãs toleraram a violência da Inquisição, a prostituição, a colonização e exploração de outros povos, na base da cruz e espa-

da, a escravidão e suas crueldades e as guerras em que ambos os beligerantes foram bentos em nome de Deus. Mesmo se a lei é considerada mutável, rigorismo e tolerância lutaram na história pela preferência.

Recentemente o Papa João Paulo II declarou: "A missão evangelizadora da Igreja é essencialmente o anúncio do amor, da misericórdia e do perdão de Deus, revelados aos homens através da vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo, nosso Senhor". (Encarte CNBB, nº 631, 06/06/2002). Confiando no amor reconciliador de Deus, a reflexão teológica ética não procura em princípio, colecionar e detalhar pecados, abusos e ofensas, mas analisar e comunicar o vínculo da perfeição entre os homens que é a caridade, expressa na compreensão paciente, benignidade humilde e leal diante dos outros em suas alteridades próprias. Por Cristo no meio da comunidade do Povo de Deus, o cristão se abre e se liberta para atender também o pedido dos homossexuais: Irmãos, o que temos de fazer para entrar no Reino de Deus?

5.4. O diálogo das consciências morais

A formação doutrinária e atitudinal do cristão está profundamente ligada a muitas tradições normativas, de modo que a tendência de ficar repetindo as mesmas frases que foram aprendidas é mui tentadora. Que certos homens têm uma orientação fundamental de vida para pessoas de seu próprio gênero é uma novidade que apenas faz um século e meio começou a se divulgar. Só recentemente este fato foi reconhecido pelo Magistério eclesial. A esfera em

que sua existência amadurece e se projeta é atração, amizade, amor, apoio mútuo, engrenagem afetiva para com outro homem. Não conhece a esfera tradicional de vergonha de homem se comportar como se fosse mulher, abuso de dominação que humilha o outro, violência sexual contra inimigo vencido. Quando séculos depois de Cristo, a ética coloca a natureza humana abaixo da normatividade sexual, ainda não se conhecia a novidade de o que hoje em dia se chama homossexual.

No entanto, a experiência antiga deixa certas lições orientadoras. Também o "novo" homossexual não aceitará nem o abuso de sua dignidade de ser humano nem o domínio explorador do "companheiro", nem a humilhação, como se fosse apenas um objeto útil, mas descartável. Amizade sem respeito mútuo e reconhecimento mútuo dos direitos de cada um é a negação de um projeto ético de vida de um homossexual. Não é apenas a pressão de fora que ameaça a formação de uma amizade estável que cria raízes cada vez mais fortes e resistentes na hora de mal entendidos e conflitos. A ameaça vem também de dentro, principalmente pelo ciúme. A insegurança de fora é capaz de deixar crescer um senso totalitário de posse do outro que se sente escravizado e tolhido em sua liberdade.

Aristóteles, o pai da ética ocidental, abre um outro caminho ainda. Ética não cai do céu como chuva, mas assume e analisa o material do "ethos", o sistema de valores, ideais, costumes e expectativas de conduta entre o povo. Por causa de séculos de opressão sexual e gueto, a experiência de vida de homossexuais ficou escondida ou se perdeu

nas suspeitas de abusos mais ou menos clandestinos. Em processos de emancipação para a liberdade participativa, o primeiro passo prático é deixar as vítimas falarem e se comunicarem a respeito de sua maneira e seu desejo de viver, se realizar e conviver. Quebrar o silêncio imposto é abrir uma nova mina de material para criar em conjunto orientações justas e prudentes, não para, mas da parte dos homossexuais. Se eles são cristãos, não apenas tem uma consciência moral que distingue o bem e o mal a fazer, mas assumem a expressão de São Paulo, que são templos do Espírito Santo que ensinará toda verdade. Pelo diálogo aberto, a reciprocidade das consciências morais estimulará a formação de um caminho de “traduzir” o Evangelho em vida e convivência de homossexuais entre si e com os outros. A confirmação pela autoridade eclesial completará a obra ética.

Neste processo o tempo tem um papel especial. O homem medieval já sabia que Roma e Colônia não foram construídas em um só dia, e não vão mudar seu perfil em apenas uma hora. O início do diálogo não é o fim já feito, mas abre a caminhada, sem dúvida longa de que se espera que a cabeça fria aproveita o calor do coração, sem se deixar dominar e terminar no brejo.

6. *Vocações religiosas e sacerdotais*

Na esfera da CNBB, uma equipe de especialistas foi formada para fornecer uma orientação prudente ao problema dos homossexuais em relação à vocação e vida sacerdotal e religiosa. Por isso, basta por agora um pouco de material de reflexão.

1. O problema funciona dentro do quadro global da presença de homossexuais na sociedade e na Igreja com sua sombra tradicional de discriminação.

2. Da parte do(a) candidato(a), vale a pergunta: “se Deus me fez assim, por quê não me pode chamar para ser padre ou entrar na vida religiosa”? Tolerância-zero é anti-evangélica.

3. Na formação inicial e permanente, em qualquer status, padre ou religioso, tentações e desequilíbrios são o risco de todos, porque são filhos de Adão e Eva, bodes expiatórios de todas as fraquezas e malícias humanas.

4. O amadurecimento e a constância fiel da vocação pela vida terrestre toda encontrarão dificuldades e tentações comuns na sociedade atual ainda pansexual, com duas causas agravantes para os homossexuais:

4.1. O convívio em comunidades, seminários ou casas religiosas, quase exclusivamente de ou homens ou mulheres, com o risco de o que a moral tradicional chamava de “amizades particulares”.

4.2. O povo, também o Povo de Deus, parece ter um faro especial para identificar homossexuais, abrindo a porta à tradicional discriminação e suas conseqüências para o padre ou religioso.

5. Nas pessoas reais e suas vocações, não costuma funcionar apenas em forma pura. Outros motivos mais ou menos conscientes podem entrar, emancipação social, carreira de poder, fuga, comodismo de tudo de graça, etc. No discernimento e auto-crítica do homossexual talvez as maiores deturpações provêm da procura de segurança e aceitação tolerante e de um refúgio

garantido pelo status social do padre, do religioso, da irmã de caridade.

6. Celibato e voto de castidade, assumidos como projeto de vida evangélica, exigem disciplina nas expressões afetivas e corporais com outras pessoas. Embora não convenha ressuscitar a famigerada moral de centímetros e cronometragem, convém respeitar o público em vez de provocá-lo.

7. Como Ulisses entre a Scilla e o Caribdes, os formadores geralmente navegam entre o redemoinho da juventude e a rocha da autoridade que no fim decide. De um lado, entra uma juventude insegura, imatura e manipulada pela mídia, ambiente cultural confuso e mercado em que a propaganda oferece de tudo quanto há de material e espiritual; doutro, o formador fez o que fez, dá seu parecer, mas é o supe-

rior que decide, informando-se da qualidade do candidato, mas também olhando a necessidade de encher espaço de seu instituto com mais funcionários no programa pastoral projetado. Critérios para decisões podem ser bem fundados e formulados. Mas o próprio processo decisório é capaz de deixar o formador entre dois fogos.

Uma consulta ampla entre os(as) formadores(as) dará muito material para refletir e discutir o assunto. Também a pesquisa de Padre Gino Nassini, *Um espinho na carne*, (Ed. Santuário, Aparecida, 2001, com sugestões válidas e longa bibliografia) presta bons serviços.

Endereço do autor:

Caixa Postal 16

35500-010 DIVINÓPOLIS - MG

**QUESTÕES PARA
AJUDAR A LEITURA
INDIVIDUAL OU
O DEBATE EM
COMUNIDADE**

- 1 O que você e sua comunidade pensam de homossexuais masculinos e femininos?
- 2 A Sagrada Escritura contém normas para o relacionamento entre homossexuais? Quais?
- 3 A natureza ou dignidade humana permite tirar conclusões sobre a conduta de homossexuais?